

# GEGEN DIE STRÖMUNG



Organ für den Aufbau der Revolutionären Kommunistischen Partei Deutschlands

8-9/2026

Agosto-setembro de 2026

## O que se esconde por trás as campanhas antissemitas do chamado «antissionismo»?

Independentemente da causa legítima pela qual se manifeste — seja contra o congresso do partido AFD, seja contra os cortes orçamentais do Estado em todos os setores —, os propagandistas alemães do Hamas atuam praticamente sem interferências e desenvolvem a sua campanha de incitamento antisemita, inspirada em Israel.

A incitação ao ódio contra os judeus em ações progressistas que merecem o nosso apoio — algo que já se verificava na Alemanha desde 1967, e em alguns casos ainda antes, numa escala que não deve ser subestimada — é tolerada na prática e não é realmente contestada no seu conteúdo. Isso tem de mudar!

Trata-se das chamadas consignas «antissionistas», como «Matem os sionistas» ou «Israel é a nossa desgraça» e outras semelhantes. Mas também entre pessoas não influenciadas pela incitação ao ódio — sejam jovens, sejam idosos — que lutam ativamente contra os nazis ou no âmbito sindical, existem incertezas quanto ao conteúdo quando se discute o «sionismo». Queremos enfrentar uma discussão genuína e, neste contexto, esclarecer desde já a nossa posição.

### I.

#### 1. Não existe «O» sionismo!

Quem se debruça seriamente sobre a questão percebe rapidamente que existiram correntes muito diferentes que se autodenominavam «sionistas».

Face aos pogroms mortíferos, sobretudo na Rússia e na Europa Oriental, e ao surgimento de correntes antijudaicas também em países como a França (Caso Dreyfus, 1896–1899) e na Alemanha (fundação de organizações que se autodenominavam antissemitas e que eram racistas e hostis aos judeus) no último terço do século XIX, a ideia fundamental era, sem dúvida, que a população judaica precisava de uma fortaleza (Sião), de um lar próprio, de um Estado próprio.

A ideia foi — sem utilizar o termo — já defendida no movimento proletário na Alemanha por Moses Hess, um amigo e companheiro de luta de Karl Marx, defendeu esta ideia no seu livro «Roma

e Jerusalém» (1862). Na Rússia e na Europa Oriental, tentou-se, sobretudo, organizar a emigração para a antiga região judaica em torno de Jerusalém (Sião como a fortaleza no monte de Jerusalém).

#### 2. O sionismo histórico

Este sionismo histórico, que se estendeu até aos anos 40 do século XX, organizou-se, em todas as suas correntes, desde 1897, em vários «congressos sionistas». Nesses congressos, surgiram as mais diversas posições. Alguns representantes alteraram, em parte, a sua visão e, apesar das decisões comuns e da concentração na Palestina, houve ênfases bastante diferentes — e, por vezes, mutuamente exclusivas — por parte de vários intervenientes, de tal forma que o método posteriormente aplicado para «alcançar o sionismo» Não é admissível caracterizar o sionismo apenas com citações isoladas de diferentes intervenientes.

### Análise crítica de quatro textos do sionismo histórico

Quem pretenda aprofundar-se no sionismo histórico não pode deixar de estudar, pelo menos, os seguintes quatro textos: a obra de **Moses Hess** «Roma e Jerusalém», de 1862; a obra de **Leo Pinsker** «Autoemancipação», de 1882; bem como a obra de **Theodor Herzl** «O Estado Judeu. Tentativa de uma solução moderna para a questão judaica», de 1896, e o seu romance utópico «Altneuland», de 1902. Atualmente, estes textos são, na sua versão original, amplamente desconhecidos, sendo que, sobretudo, grupos que se autodenominam «antissionistas» citam determinados passagens e utilizam-nas como provas do seu «antissionismo», que se dirige principalmente contra a fundação de Israel em 1948.

A nossa análise destes quatro escritos essenciais está incluída no nosso estudo de 280 páginas «**A luta científica e teórica da social-democracia contra a hostilidade aos judeus na Alemanha**» (Volume 3 da série «A Luta da Social-Democracia contra a Antissemitismo na Alemanha, de 1894 a 1914», pp. 220-272). Disponível para download gratuito em: ou na versão impressa, por 12 €, a encomendar junto da: Editora Olga Benario e Herbert Baum, Apartado 102051, 63020 Offenbach

Theodor Herzl, considerado o fundador teórico do sionismo, pretendia criar uma «pátria judaica» sob a égide das grandes potências da época. A região em torno de Jerusalém tinha, de facto, sido conquistada antes da Primeira Guerra Mundial pelos antecessores da atual Turquia, o Império Otomano. Assim, era necessário convencer o sultão do Império Otomano. Sem qualquer hipótese.

Após a Primeira Guerra Mundial e o fim do Império Otomano, os colonialistas ingleses anexaram de facto a região (legitimada pela então Liga das Nações, de carácter imperialista, como «Território Mandatário da Palestina»). Seguiu-se então um vaivém com o imperialismo inglês, declarações de intenções, promessas, compromissos quebrados — em suma: nenhuma hipótese real.

Outras correntes do sionismo apostaram na «autoemancipação», na emancipação autónoma, em parte através da organização independente da emigração, em parte na tradição da «autonomia nacional-cultural»,

focando-se apenas na consolidação de um centro cultural e também religioso da população judaica. Havia, pelo menos, cinco correntes que se autodenominavam «sionistas» (desde as de orientação religiosa-teocrática até às que se consideravam socialistas). Entretanto, chegou mesmo a discutir-se, por um curto período, a possibilidade de fundar um Estado judeu em territórios sem antecedentes judaicos – o essencial era uma fortaleza, um Estado que protegesse a população judaica, independentemente do local. Não havia hipótese.

### 3. O sionismo antinazista

Devido ao fascismo nazi e à sua política de extermínio dirigida contra a população judaica, o sionismo histórico transformou-se, na essência, num movimento antinazi combativo que — como demonstra a revolta no gueto de Varsóvia — lutava agora, em conjunto com organizações socialistas e comunistas, contra a Alemanha nazi. Estes são factos que os chamados «antissionistas» são simplesmente ignorados e passados ao silêncio.

Em todos os exércitos da coligação antinazi, bem como nos movimentos de guerrilha nos países ocupados pela Alemanha nazi, combateram soldados judeus e guerrilheiros e guerrilheiras judeus. No exército inglês, os soldados judeus formavam uma unidade judaica própria Brigada. Esse foi um fator importante para a viragem decisiva que

#### Mas Lenin também...

Sim, Lenin e o SDAPR combateram, na Rússia pré-revolucionária, as posições do «Bund» judeu e dos socialistas sionistas. Mas estes grupos não se preocupavam com o Estado de Israel; em vez disso, defendiam — o que Lenin rejeitava — que se lutasse, em primeiro lugar, por uma «autonomia nacional-cultural», em vez de derrubar o czarismo na Rússia. Além disso, rejeitava-se uma organização conjunta com todas as outras nacionalidades na Rússia czarista. Era esse o cerne da controvérsia da época. Muitos membros do «Bund» acabaram por aderir ao SDAPR ao longo do processo.

Ver também: «**A luta da social-democracia contra a hostilidade aos judeus na Rússia (1894 a 1914)**», 336 páginas.  
Disponível para download gratuito em [www.verlag-benario-baum.de](http://www.verlag-benario-baum.de) ou na versão impressa por 12 €, a encomendar junto da: Editora Olga Benario e Herbert Baum, Apartado 102051, 63020 Offenbach

### Sobre a evolução conceptual e de conteúdo da hostilidade contra os judeus

O **antijudaísmo** é o nome dado à hostilidade religiosa contra os judeus que, durante séculos — atingindo o seu auge nas Cruzadas (séculos XI a XIII) —, inspirada por dignitários do cristianismo e, posteriormente, por Martinho Lutero, prevaleceu até meados do século XIX. Já nessa altura, estava a desenvolver-se uma tendência que se concentrava no estereótipo do «judeu rico». O antijudaísmo com argumentos «sociais» transformou-se então, no último terço do século XIX no «anti-semitismo», que apenas manteve parcialmente as justificações religiosas para a hostilidade contra os judeus, incorporou o estereótipo do «judeu rico», mas, acima de tudo, se baseava em argumentos biológicos e racistas. As organizações fundadas na Alemanha, que se autodenominavam «antisemitas», propagavam uma hostilidade contra os judeus disfarçada de pseudocapitalismo, servindo, por assim dizer, de base para a propaganda nazi. As exigências de extermínio por parte dos antisemitas, que já existiam de forma isolada anteriormente, foram sistematizadas durante o período nazi, transformando-se numa **hostilidade eliminatória contra os judeus**. Estabeleceu-se, o que antes era mais bem isolado, um programa completo para o extermínio da população judaica. Este programa foi implementado gradualmente, sobretudo nos campos de extermínio nazis.

O mais tardar a partir de 1948, entre a profusão de variantes do antisemitismo após 1945, destacou-se o chamado «**antissionismo**», a concentração no extermínio de Israel, que se desenvolveu de forma massiva na Alemanha após 7 de outubro de 2023.

Além disso, em todas as épocas foram possíveis variantes e formas mistas que não são abordadas nesta visão geral.

se afastou do sionismo histórico. Pois, após a vitória mundial sobre o fascismo nazi, tratava-se, de forma muito concreta, da criação de um Estado judeu próprio como «fortaleza». A Inglaterra não abdicou do seu domínio colonial, o que se tornou cada vez mais claro; essa esperança tinha morrido.

### 4. O sionismo anticolonialista

Após a fase antinazista, o sionismo transformou-se num sionismo claramente anticolonialista, que conduziu a luta armada contra o colonialismo britânico após 1945, com tanto sucesso que o colonialismo britânico foi obrigado a retirar-se da Palestina.

Em 1948, concretizou-se assim a fundação do Estado de Israel. **O sionismo, na sua forma histórica, tinha chegado ao fim.** Não foi por acaso que a União Soviética, na altura ainda socialista, ajudou, no seio da recém-fundada ONU, a obter o reconhecimento internacional através de um plano de partilha que, embora com grande relutância por parte dos judeus, acabou por ser aceite — e que, para completar o quadro, foi rejeitado pela parte árabe. Portanto, aos grupos «antissionistas» e antisemitas que se autodenominam «de esquerda» ou mesmo «comunistas»: **Estaline foi a favor da fundação de Israel.** Será que ele era, então, o «sionista» mais poderoso?! O anticomunismo dos grupos que se autodenominam

falsamente «comunistas» torna-se evidente: esquivam-se perante este facto histórico, não têm quaisquer «argumentos» ou, então, simplesmente atacam também Estaline, caso não ignorem este aspeto de todo.

## II.

### E hoje?

O «antissionismo» atual baseia o seu impacto ideológico e a sua difusão sobretudo em duas forças.

Em primeiro lugar, foram sobretudo os **revisionistas de Brezhnev**, na então União Soviética social-imperialista, que realizaram um «trabalho preparatório» massivo. Desde 1967 que têm inundado os movimentos de esquerda em todo o mundo com alegações e mentiras antisemitas em folhetos e brochuras «antissionistas». No entanto, seria redutor referir-se apenas aos revisionistas de Brezhnev. Por seu lado, estes recorreram a um reservatório antisemita de figuras de pensamento «antissionistas», que tinha sido disseminado de forma massiva pelos **nazis-fascistas**.

Promovidos e apoiados pelos nazis, a «Irmandade Muçulmana» e Amin al-Husseini, o mufti de Jerusalém, difundiram massivamente, a partir da década de 1930, a tradução árabe dos «Protocolos dos Sábios de Sião», um texto antisemita (aos quais, aliás, a Carta do Hamas de 1988 faz referência expressa), bem como de «Mein Kampf», de Hitler. O «antissionista» Hitler escreveu nele:

## Origens e impacto da campanha antissionista dos revisionistas de Breznev da União Soviética social-imperialista

A partir de 1967, os revisionistas de Breznev lançaram uma campanha massiva contra Israel, que não se limitava apenas à guerra da época entre os Estados árabes e Israel (a chamada Guerra dos Seis Dias), mas ia muito além.

A Editora de Literatura Estrangeira (Moscou) publicou, em várias línguas, panfletos de incitamento antissemita, que na Alemanha foram também adotados e divulgados por uma série de chamados «Comitês da Palestina».

O tom destas brochuras difamatórias era o seguinte: «os sionistas» seriam tão maus quanto os nazis-fascistas, teriam até colaborado historicamente com os nazis, seriam fascistas e racistas. O sionismo significaria colonialismo e imperialismo, seria reacionário, chauvinista, agressivo, criminoso e terrorista. Na década de 1980, a propaganda de ódio foi levada ainda mais longe: foram publicadas caricaturas antissemitas ao estilo do jornal nazi «Stürmer».

A título de exemplo, mencionem-se duas brochuras:

Em 1970, foi publicada a brochura **«O sionismo – uma ferramenta da reação imperialista. A opinião pública soviética sobre os acontecimentos no Médio Oriente e as manobras do sionismo mundial»** (Editora APN, Moscou, março–maio de 1970, 148 páginas).

Nela afirma-se que «os sionistas que estão no poder em Israel»

«pregam o ódio ao ser humano» e que a «exclusividade da raça judaica» constitui o fundamento do Estado (ver p. 67).

As «ideias racistas dos sionistas» seriam determinantes para a política de Israel. A pertença ao judaísmo seria definida com base em «características raciais e no judaísmo ortodoxo» (p. 104). De forma pseudocientífica, afirma-se que «o sionismo e o antissemitismo são, aparentemente, antípodas — um favorável aos judeus e o outro hostil aos judeus —», mas que, no entanto, apresentam «muitas características comuns». Ambos substituíram «a abordagem de classe à questão judaica por uma abordagem racista, ao apresentarem o povo judeu como algo à parte» (ver p. 101).

O governo israelita teria «pisado a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, [...] ignorado as Convenções de Genebra» (ver p. 4). A atuação do exército israelita não fica em nada atrás dos crimes do exército nazi (ver p. 23).

«Os sionistas», alega-se, pretendiam estabelecer um «terceiro Império judeu», um «Grande Israel do Nilo ao Eufrates» (ver p. 119).

Como suposto «trunfo» histórico, é abordada uma tentativa de uma organização sionista de negociar com o governo nazi a saída de judeus perseguidos da Alemanha nazi

. Ao fazê-lo, nega-se a sua motivação (salvar vidas judaicas): «Os sionistas, que em todas as esquinas apelavam à “proteção dos judeus”, tramaram uma conspiração com os mais ferrenhos antisemitas» (ver p. 116).

Tratava-se do

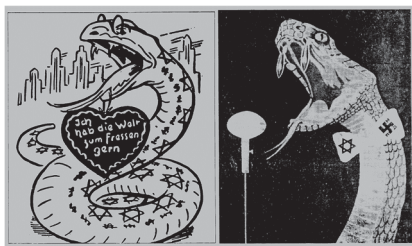
«Acordo Ha'avara» (que não era isento de controvérsia nos círculos sionistas e judaicos), no âmbito do qual, em troca do fornecimento de mercadorias da Palestina, em concertação com os nazis — entre os quais Eichmann —, judeus perseguidos (cerca de 55 000) puderam sair da Alemanha.

E ainda: «Enquanto os fascistas queimavam milhares de judeus nas câmaras de gás, os sionistas mantinham relações comerciais com um dos principais líderes do fascismo, Eichmann» (ver p. 116). «Relações comerciais»? Estava em causa a vida de cerca de 55 000 judeus, que puderam sair da Alemanha nazi e, assim, serem salvos!

A brochura publicada em 1984

**«Aliança criminosa entre o sionismo e o nazismo»**. A conferência de imprensa do Comité Antissionista da Opinião Pública Soviética, realizada a 12 de outubro de 1984 (Moscou, 1985), aprofundou ainda mais a campanha difamatória sobre a suposta convergência de interesses entre as forças sionistas e as nazifascistas. O objetivo das organizações sionistas e judaicas não seria a luta contra o regime nazi e a salvação de vidas, mas sim o sucesso do

### «Stürmer» nazi como modelo: propaganda repugnante dos brezhnevistas



À esquerda: Menorá judaica em chamas (Stürmer, 1940)

À direita: Moshe Dayan em uniforme militar; um mecânico dirige-se, com uma menorá em chamas, para um barril de pólvora (Vachernya Koskva, 1977). A caricatura intitula-se: «Esta provocação cruel de Tel Aviv».

À esquerda: «Serpente judaica» com o símbolo do dólar, a libra esterlina e estrelas de Davi, bem como um colar ao pescoço com a inscrição «Adoro devorar o mundo». (Stürmer, 1941)

À direita: Serpente «judaica» com uma gravata ao pescoço com a Estrela de Davi e a suástica (Agitator, 1971)



«Projeto de colonização: «O mais importante é que os líderes do sionismo viram no nacional-socialismo um fator que lhes poderia ajudar a concretizar o seu objetivo principal, nomeadamente a migração intensiva de colonizadores “escolhidos” para a Palestina, a expulsão dos árabes e a subsequente fundação de um Estado de Israel» (ver p. 8).

Além disso, afirma-se: «Os governantes da Alemanha fascista apoiaram de todas as formas os planos de colonização dos sionistas» (ver p. 12) — uma mentira grosseira, pois Hitler advertiu contra e lutou contra a fundação de um Estado judeu.

Padrões recorrentes destas figuras de pensamento e mentiras fundamentalmente falsas (equiparação dos crimes do fascismo nazi às ações do exército israelita, suposta convergência de interesses entre o sionismo e o fascismo nazi, o sionismo como ideologia racista, etc.) foram retomados, divulgados e desenvolvidos tanto a nível internacional como na Alemanha, tendo chegado, em alguns casos, até a resoluções da ONU, o que aqui se menciona apenas por uma questão de exaustividade.

(Fonte: Simon Wiesenthal Center, Los Angeles: Catálogo da exposição «Retratos da maldade. Um estudo das caricaturas antissemitas soviéticas e das suas raízes na ideologia nazi», 1985)

«Pois, ao tentar o sionismo convencer o resto do mundo de que a autodeterminação nacional dos judeus encontraria a sua satisfação na criação de um Estado palestino, os judeus voltam a enganar os goyim estúpidos da forma mais astuta. Eles nem sequer pensam em construir um Estado judeu na Palestina para, por exemplo, lá viverem, mas desejam apenas uma sede organizacional, dotada de direitos de soberania próprios [...], para a sua fraude internacional.» (Hitler: Mein Kampf, Berlim 1930, 3.<sup>a</sup> edição, p. 356)

O atual «antissionismo» estabeleceu os seguintes esquemas de pensamento, que, na sua maioria, não são invenções novas:

O primeiro ataque principal é dirigido contra Israel e os agressores palestinos do Hamas são apresentados como «vítimas». A guerra contra o Hamas e o Hezbollah em prol da segurança de Israel é mesmo classificada, de forma repetitiva, como «genocídio contra os palestinos».

O segundo esquema de pensamento atribui todo o conflito à fundação de Israel em 1948, um suposto «ato colonialista» em suposto «solo árabe». Normalmente, não se diz «A culpa é dos judeus», mas sim: «A culpa é da fundação de Israel». Segundo mais uma mentira, teria sido então lançada a primeira pedra do suposto «Estado de apartheid» de Israel, que supostamente oprime a população árabe em Israel da mesma forma que o antigo regime de apartheid na África do Sul.

## Não existiram até mesmo posições antissemitas no seio do outrora revolucionário PCUS e de outros partidos comunistas revolucionários?

Sim, existiram. E quem afirmar o contrário está a mentir. Estaline declarou claramente já em 1931:

«Temos certas manifestações de antissemitismo não só em determinados círculos das classes médias, mas também entre uma certa parte da classe operária e até mesmo, em alguns pontos, no nosso partido. Temos de combater este mal com toda a implacabilidade.» (Estaline no XV Congresso do PCUS(B) em 1931, Obras de Estaline, volume 10, p. 281)

Após o colapso da coligação anti-Hitler em 1948, a ruptura não se limitou apenas aos vértices dos partidos e dos Estados dos antigos aliados. Também as pessoas que, a níveis mais baixos, ainda tinham lutado juntas contra os nazis se viram perante o dilema: romper ou não romper? A colaboração, justificada na luta contra os nazis, entre quadros comunistas e quadros dos serviços secretos britânicos e norte-americanos tornou-se agora um problema grave, pois também aqui a ruptura era inevitável.

Daí surgiu uma profusão de problemas internos nos diversos partidos comunistas, sendo que a referência à colaboração anterior na luta contra os nazis não constituía, de forma alguma, um argumento válido.

Que se tenha vindo a formar, em vários partidos, um vocabulário com conotações antissemitas, isso não pode nem deve ser contestado. Mas, na maioria dos casos, a situação não era assim tão simples como a apresentam os agitadores anticomunistas, que, perante erros evidentes, condenam de forma generalizada todo o Partido Comunista.

No que diz respeito à RDA, um ponto alto negativo foi uma decisão do Comité Central do SED, de 1952, contra o quadro comunista de topo Paul Merker. Merker conseguiu fugir em 1942 para o México, onde, no exílio, na revista «Freies Deutschland», combateu veementemente o antissemitismo e defendeu o pagamento de indemnizações aos judeus perseguidos (e manteve essa exigência também na RDA). O Comité Central do SED formulou, contra Merker, de uma forma insuportável e marcada pelo jargão nazi, que isso significava uma «transferência do património do povo alemão». (Ver «Declaração do Comité Central do SED de 20 de dezembro de 1952», em: «Documentos do SED», volume IV, Berlim 1954, p. 206) Em resumo: sim, também no âmbito dos partidos comunistas existiram posições antissemitas intoleráveis, que devem ser identificadas e criticadas sem rodeios, sem generalizar injustificadamente nem cair no anticomunismo.

Um pouco mais a fundo, chega-se a esta conclusão: o sionismo e os sionistas, que existem em Israel e em todo o mundo, são praticamente «culpados de tudo».

Por vezes com mais, por vezes com menos habilidade, recorre-se então a citações de «sionistas» isolados. Nas publicações do sionismo histórico encontram-se passagens que são depois denunciadas. E, em relação a muitos ministros do atual governo israelita, há muito a apontar, incluindo algumas coisas fundamentalmente erradas e profundamente reacionárias, sem dúvida. O ponto crucial é a generalização clássica, na verdade apenas estúpida e demagógica: «É assim que eles são, “os sionistas”, “os judeus”!» Se conheces um, conheces todos. Como se, com tais citações, fosse possível minar a ideia fundamental do sionismo: uma fortaleza segura para a população judaica em Israel e um refúgio para a população judaica de todo o mundo!

Assim, verifica-se que a «luta antissionista» tem um único objetivo: a luta pela destruição de Israel e de todos aqueles que consideram correta a existência de Israel e a defendem.

### Para ler mais

**A luta da social-democracia contra o antissemitismo na Rússia (1894 a 1914)** (Caderno Vermelho n.º 55, 1 euro)

**O plano de partilha da ONU para a Palestina e a fundação do Estado de Israel (1947/48)** (Caderno Vermelho n.º 25, 1 euro)

**Três documentos de posição sobre o ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023:**

Desmascarar e combater o avanço mundial do movimento contrarrevolucionário internacional orientado pelo regime do Irão e pelo Hamas!

O massacre antissemita perpetrado pelo Hamas a 7 de outubro de 2023 em Israel  
Os objetivos do Hamas: a aniquilação do Estado de Israel – assassinar o maior número possível de judeus

Cinco argumentos que explicam por que razão a luta pela fundação e defesa de Israel, em 1948, foi uma grande vitória  
(Caderno Vermelho n.º 52, 1 euro)

Disponível através de: Editora Olga Benario e Herbert Baum, Apartado 102051, 63020 Offenbach

Este texto es una traducción automática realizada con el software de traducción Deepl sin ningún tipo de revisión posterior, con el fin de permitir una disponibilidad más rápida de nuestros folletos. El software Deepl no traduce sin errores, especialmente en lo que respecta a términos del lenguaje científico comunista. Por ejemplo, sabemos que «gran potencia (imperialista)» se traduce incorrectamente como «superpotencia» en muchos idiomas. Por lo tanto, si detectáis errores o hay pasajes que os llaman la atención, por favor, hacédnoslo saber.